

O Desenho na Geografia: Uma Abordagem Teórico-Conceitual para formação de professores

Buena Bruna Araujo Macêdo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (buenabruna@yahoo.com.br)

Julie Idália Araujo Macêdo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (juliidalia@yahoo.com.br)

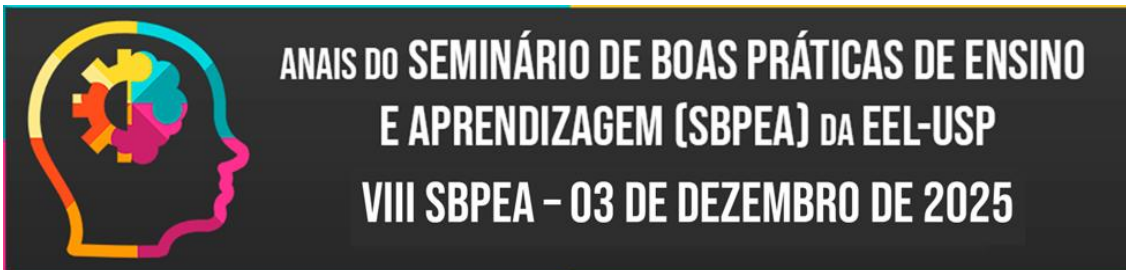
Resumo

O artigo analisa o papel do desenho como linguagem no ensino de Geografia e na formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir de uma abordagem teórico-conceitual e fundamentada em autores como Luquet (1969), Piaget (1975; 1994), Vygotsky (1991; 2009), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), Almeida (2011) e Theves (2017; 2018), a pesquisa, de caráter bibliográfico, discute o desenho infantil como expressão do desenvolvimento cognitivo, da imaginação e da percepção espacial. Compreende-se o desenho como uma linguagem mediadora entre o pensamento concreto e o abstrato, favorecendo a alfabetização espacial e o raciocínio geográfico. Argumenta-se que a formação docente deve contemplar o uso pedagógico do desenho como instrumento de leitura, interpretação e representação do espaço geográfico, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2018), que valoriza o trabalho com múltiplas linguagens na construção do pensamento espacial. Os resultados apontam que o desenho potencializa práticas interativas, interdisciplinares e inclusivas, tornando o ensino de Geografia mais significativo e criativo. Conclui-se que o desenho, ao integrar cognição, emoção e experiência, contribui para uma formação de professores sensível, reflexiva e comprometida com o desenvolvimento integral dos estudantes.

Palavras-chave: Desenho Infantil; Geografia; Formação de Professores; Alfabetização Espacial; Aprendizagem Significativa.

Abstract

The paper analyzes the role of drawing as a language in the teaching of geography and in the training of teachers in the early years of elementary school. Based on a theoretical-conceptual approach and grounded in authors such as Luquet (1969), Piaget (1975; 1994), Vygotsky (1991; 2009), Pontuschka, Paganelli, and Cacete (2007),



Almeida (2011), and Theves (2017; 2018), this bibliographic research discusses children's drawing as an expression of cognitive development, imagination, and spatial perception. Drawing is understood as a language that mediates between concrete and abstract thinking, promoting spatial literacy and geographical reasoning. It is argued that teacher training should include the pedagogical use of drawing as a tool for reading, interpreting, and representing geographical space, in line with the National Common Core Curriculum (BNCC, Brazil, 2018), which values working with multiple languages in the construction of spatial thinking. The results indicate that drawing enhances interactive, interdisciplinary, and inclusive practices, making the teaching of geography more meaningful and creative. It is concluded that drawing, by integrating cognition, emotion, and experience, contributes to the training of teachers who are sensitive, reflective, and committed to the integral development of students.

Keywords: Children's Drawing; Geography; Teacher Training; Spatial Literacy; Meaningful Learning.

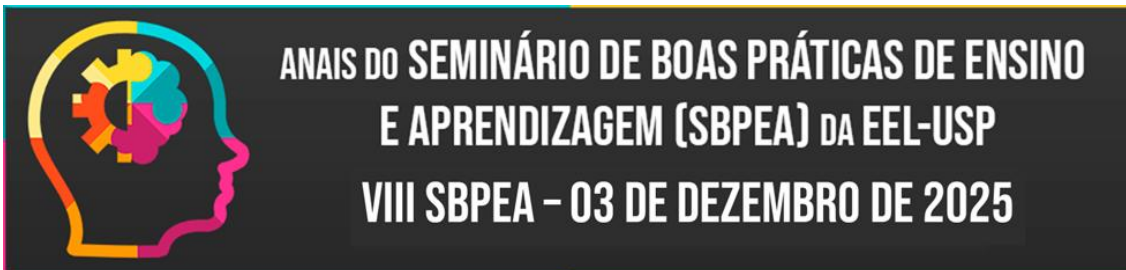
Resumen

El artículo analiza el papel del dibujo como lenguaje en la enseñanza de la Geografía y en la formación de profesores de los primeros años de la Educación Primaria. A partir de un enfoque teórico-conceptual y basado en autores como Luquet (1969), Piaget (1975; 1994), Vygotsky (1991; 2009), Pontuschka, Paganelli y Cacete (2007), Almeida (2011) y Theves (2017; 2018), la investigación, de carácter bibliográfico, analiza el dibujo infantil como expresión del desarrollo cognitivo, la imaginación y la percepción espacial. Se entiende el dibujo como un lenguaje mediador entre el pensamiento concreto y el abstracto, que favorece la alfabetización espacial y el razonamiento geográfico. Se argumenta que la formación docente debe contemplar el uso pedagógico del dibujo como instrumento de lectura, interpretación y representación del espacio geográfico, en consonancia con la Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2018), que valora el trabajo con múltiples lenguajes en la construcción del pensamiento espacial. Los resultados indican que el dibujo potencia las prácticas interactivas, interdisciplinarias e inclusivas, haciendo que la enseñanza de la geografía sea más significativa y creativa. Se concluye que el dibujo, al integrar la cognición, la emoción y la experiencia, contribuye a una formación docente sensible, reflexiva y comprometida con el desarrollo integral de los estudiantes.

Palabras clave: Dibujo infantil; Geografía; Formación de profesores; Alfabetización espacial; Aprendizaje significativo.

1. INTRODUÇÃO

O ensino da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental constitui um campo desafiador e essencial para a formação integral das crianças, especialmente por lidar com conceitos complexos como espaço, lugar, território e paisagem. Para tornar esses

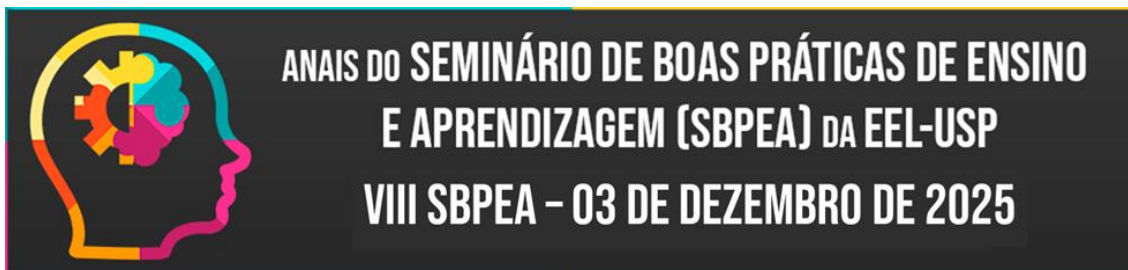


conceitos acessíveis e significativos, é necessário que os professores desenvolvam práticas pedagógicas inovadoras que valorizem as diferentes linguagens presentes no cotidiano escolar. Nesse contexto, o desenho emerge como uma ferramenta potente de mediação, expressão e construção do conhecimento geográfico, articulando imaginação, percepção e raciocínio espacial.

A formação de professores assume, portanto, papel central na consolidação de metodologias que incorporem o desenho como linguagem educativa. O docente dos anos iniciais precisa ser preparado para compreender o desenho não apenas como atividade lúdica, mas como instrumento cognitivo e comunicativo, capaz de revelar o modo como a criança interpreta e representa o espaço vivido. De acordo com Vygotsky (1991; 2009), o desenho constitui uma forma de mediação simbólica que favorece o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e possibilita a internalização de significados. Já Piaget (1975; 1994) e Luquet (1969) evidenciam que a evolução gráfica da criança reflete seu progresso na capacidade de simbolização e de pensamento lógico.

No campo da Geografia escolar, autores como Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) e Almeida (2011) destacam a importância do uso de linguagens diversas — entre elas, o desenho — como meios de estimular a observação, a representação e a compreensão do espaço geográfico. Alinhada a essa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2018) orienta o trabalho docente na unidade temática “Formas de Representação e Pensamento Espacial”, enfatizando a necessidade de práticas interdisciplinares que promovam aprendizagens ativas e contextualizadas.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar o papel do desenho como linguagem e ferramenta pedagógica no ensino de Geografia, discutindo suas contribuições para a formação de professores dos anos iniciais. A pesquisa, de caráter bibliográfico e teórico-conceitual, busca compreender como o desenho infantil pode favorecer a alfabetização espacial, o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem significativa, além de oferecer subsídios para uma prática docente reflexiva, crítica e sensível às dimensões cognitivas e afetivas da criança.



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Desenho Infantil e o Desenvolvimento Cognitivo

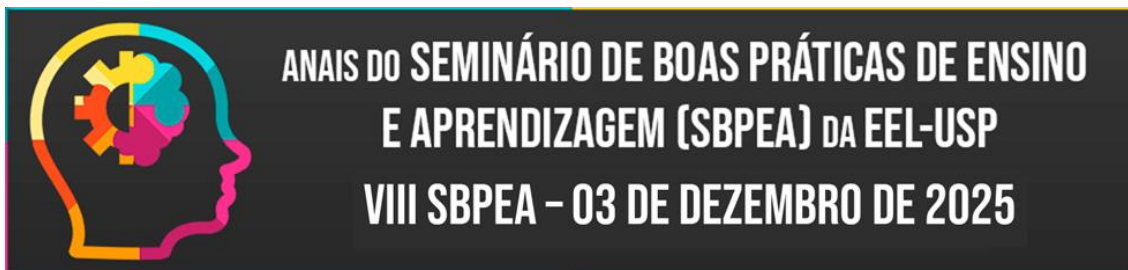
O desenho infantil é amplamente reconhecido como uma linguagem simbólica que permite à criança externalizar pensamentos, emoções e percepções do mundo. Luquet (1969) descreve a evolução do desenho como um processo progressivo: da reprodução espontânea e improvisada, à representação mais estruturada de objetos, pessoas e paisagens, refletindo níveis distintos de desenvolvimento cognitivo. Luquet distingue fases do desenho infantil, incluindo: a fase do esquematismo, quando a criança organiza formas, e a fase da representação intelectual, marcada pela tentativa de reproduzir a realidade com precisão simbólica.

Mèredieu (2006) reforça que o desenho é uma forma de linguagem própria da infância, permitindo que a criança comunique ideias complexas antes da consolidação da linguagem verbal. Ele destaca que, por meio do desenho, é possível perceber a maneira como a criança organiza e interpreta o mundo, oferecendo pistas sobre processos cognitivos e emocionais.

Piaget (1975; 1994) argumenta que o desenho está intimamente ligado à construção do conhecimento. Ele permite que a criança manipule representações simbólicas, promovendo pensamento lógico e raciocínio espacial, essenciais para compreender conceitos geográficos. Piaget observa que o desenho infantil não é apenas uma expressão estética, mas uma manifestação do desenvolvimento intelectual, contribuindo para a aprendizagem significativa.

Vygotsky (1991; 2009) amplia essa perspectiva, destacando a dimensão social do desenho. Segundo o autor, o aprendizado ocorre dentro de um contexto social interativo, em que professores e colegas influenciam a produção simbólica da criança. O desenho, portanto, funciona como ferramenta de mediação, integrando experiência concreta e pensamento abstrato, permitindo que funções cognitivas superiores se desenvolvam.

Essa base teórica evidencia que o desenho infantil transcende a atividade lúdica: ele é instrumento de construção do conhecimento, que articula percepção, imaginação,



simbolização e interação social, oferecendo fundamentos para sua aplicação no ensino da Geografia.

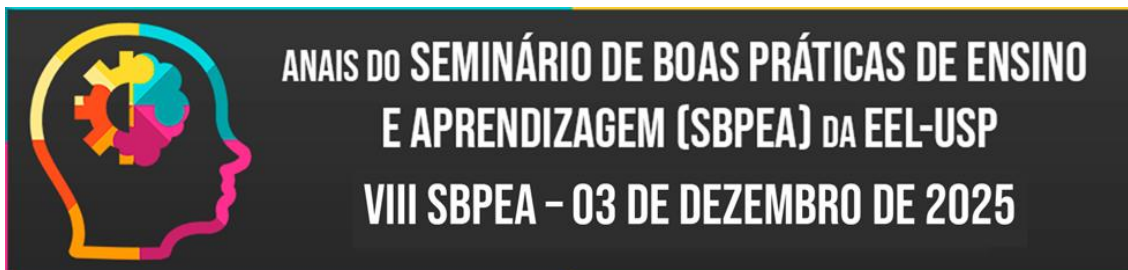
2.2 Desenho como Linguagem para o Ensino da Geografia

O ensino da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental exige recursos pedagógicos que permitam às crianças representar, interpretar e compreender o espaço. Nesse contexto, o desenho emerge como um instrumento valioso para:

1. Alfabetização espacial: permite que alunos externalizem percepções sobre lugares e paisagens, desenvolvendo habilidades de orientação e análise (Pontuschka, Paganelli & Cacete, 2007).
2. Integração de teoria e prática: aproxima conceitos abstratos da experiência concreta, facilitando a aprendizagem significativa (Almeida, 2011; Miranda, 2005).
3. Estimulação da criatividade e expressão individual: cada desenho reflete a perspectiva única do aluno, promovendo a diversidade interpretativa e o respeito a diferentes visões do mundo (Theves, 2017; 2018).
4. Avaliação formativa: professores podem identificar o nível de compreensão dos conceitos geográficos por meio da análise das representações visuais (Oliveira Jr., 1994; 2011).

Estudos demonstram que o desenho pode ser usado para representar conceitos como mapas, paisagens urbanas e rurais, relações de vizinhança, limites territoriais e fluxos espaciais. Além disso, o desenho integrado a práticas coletivas favorece a colaboração, o diálogo e a construção compartilhada de conhecimento, alinhando-se às orientações da BNCC (BRASIL, 2018) para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

O uso do desenho também promove alfabetização visual, permitindo que os alunos compreendam símbolos, escalas e representações gráficas, habilidades essenciais para o



domínio da Geografia. Essa abordagem reforça o caráter interdisciplinar da aprendizagem, integrando linguagens visual, verbal e escrita.

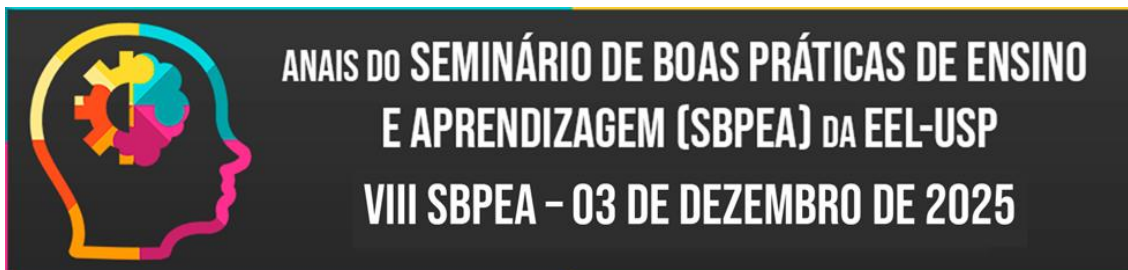
2.3 Formação de Professores e o Uso do Desenho na Geografia

A formação de professores para o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental deve contemplar a compreensão do desenho como linguagem mediadora entre o sujeito e o espaço, integrando aspectos cognitivos, afetivos e sociais do aprendizado. O docente precisa reconhecer que o desenho não é apenas uma atividade artística, mas uma forma de expressão simbólica e um instrumento de investigação pedagógica que revela as percepções espaciais, as experiências e os modos de ver o mundo das crianças.

De acordo com Vygotsky (1991; 2009), o aprendizado ocorre por meio da mediação e da interação social; nesse processo, o professor assume o papel de mediador das produções simbólicas dos alunos. Assim, a formação docente deve capacitar o professor a interpretar o desenho como manifestação do pensamento geográfico em desenvolvimento, identificando potencialidades e dificuldades na construção de noções espaciais. Piaget (1975; 1994) reforça que a representação gráfica está diretamente ligada à evolução do raciocínio lógico, o que exige do educador sensibilidade para relacionar a expressão visual ao estágio cognitivo da criança.

No âmbito da Geografia escolar, autores como Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) e Almeida (2011) destacam a importância de o professor dominar metodologias que favoreçam a observação, a leitura e a representação do espaço geográfico. Isso implica compreender o desenho como parte do processo de alfabetização espacial, contribuindo para que a criança desenvolva noções de localização, distância, orientação e escala. O docente precisa ser preparado para propor atividades que estimulem a curiosidade, o raciocínio espacial e a expressão criativa, promovendo aprendizagens significativas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2018) orienta que o trabalho docente, especialmente na unidade temática “Formas de Representação e Pensamento



Espacial”, deve valorizar o uso de múltiplas linguagens e recursos didáticos, entre eles o desenho, os mapas e as maquetes. Portanto, a formação de professores deve enfatizar práticas pedagógicas interdisciplinares e investigativas, que articulem teoria e prática, aproximando a experiência cotidiana da criança aos conceitos científicos da Geografia.

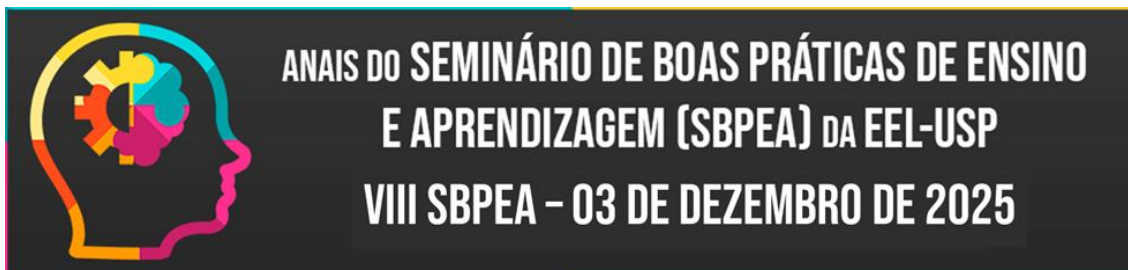
Com base nessas perspectivas, a formação inicial e continuada deve estimular o desenvolvimento de uma postura reflexiva, crítica e criativa, em que o professor seja capaz de planejar, mediar e interpretar o uso do desenho no ensino da Geografia. Ao compreender o desenho como instrumento de ensino, pesquisa e avaliação, o educador amplia sua atuação, tornando-se sujeito ativo na construção de uma prática pedagógica inovadora, inclusiva e voltada para o desenvolvimento integral do aluno.

3. MÉTODO

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, teórico-conceitual, baseada em revisão bibliográfica sistemática, fundamentada em autores que orientam pesquisas qualitativas, como Flick (2009) e Goldenberg (2007). A metodologia compreendeu três etapas principais:

1. Seleção de referências: livros, artigos e documentos oficiais, incluindo a BNCC (Brasil, 2018), e pesquisas clássicas sobre desenho infantil e Geografia escolar.
2. Análise documental e categorização temática: os estudos foram organizados em dois eixos principais: (a) desenvolvimento do desenho infantil e (b) aplicação do desenho no ensino de Geografia.
3. Síntese crítica: cada autor foi analisado quanto à contribuição para a compreensão do desenho como ferramenta pedagógica, buscando integrar perspectivas clássicas e contemporâneas.

O critério de inclusão priorizou trabalhos que abordassem explicitamente o desenho infantil e sua relação com a aprendizagem. A análise procurou evidenciar tendências, convergências e divergências teóricas, permitindo construir um arcabouço conceitual



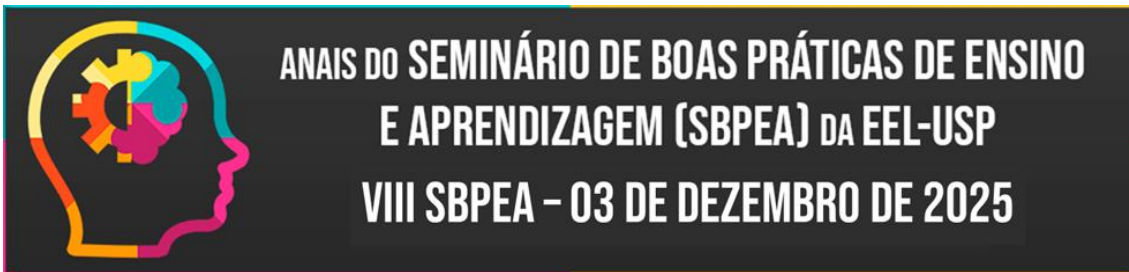
robusto para fundamentar práticas pedagógicas inovadoras, conforme orientações metodológicas de Flick (2009) e Goldenberg (2007).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa assume o desenho como uma linguagem no ensino de Geografia, instrumento de interlocução nos processos de ensino e aprendizagem do conceito de lugar, dialogando com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que sinaliza na unidade temática “[...] formas de representação e pensamento espacial” a valorização do uso de diferentes linguagens com o objetivo de desenvolver o raciocínio geográfico. Conforme trecho da BNCC (Brasil, 2018): “[...] fotografias, mapas, esquemas, desenhos, imagens de satélites, audiovisuais, gráficos, entre outras alternativas, são frequentemente utilizados no componente curricular. Quanto mais diversificado for o trabalho com linguagens, maior o repertório” (Brasil, 2018, p. 361).

Dentre as diferentes linguagens, o estudo assume que, no Ensino Fundamental, o desenho como representação gráfica auxilia a conhecer as narrativas das crianças acerca do espaço geográfico. Além disso, “[...] escrever e ler graficamente o espaço faz parte do processo de produção de significados. Nesta perspectiva, o professor de Geografia tem um papel relevante ao trabalhar com diversas representações gráficas” (Kimura, 2014, p. 103). O desenho, enquanto representação gráfica e linguagem, é entendido como meio para expressar os lugares de maior interação da criança com os objetos e as pessoas que ali vivem, proporcionando uma inter-relação a partir da vivência concreta e das ações realizadas, pois possui história e sentimento de pertencimento.

A pesquisadora e profa. Dra. Rosângela Doin de Almeida (2011), baseada nos estudos de Henri Luquet (1969), destaca que, inicialmente, a criança desenha para se divertir, mas logo surge a necessidade de se apropriar de um sistema de representação. Desde cedo, “[...] as crianças percebem que desenho e escrita são formas de dizer coisas” (Almeida, 2011, p. 27). Com o tempo, buscam dominar formas gráficas eficazes,

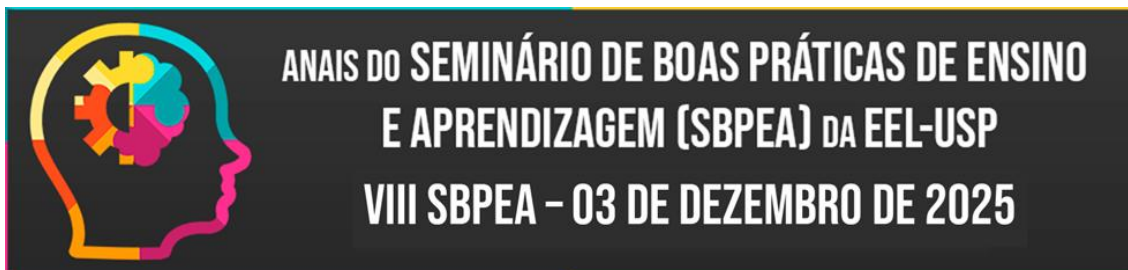


atingindo os estágios de realismo intelectual e realismo visual propostos por Luquet (Almeida, 2011, p. 27).

O desenho possui uma relação histórica com o ensino de Geografia, sendo tradicionalmente utilizado para croquis, esboços de paisagem e esquemas gráficos de localização (Miranda, 2005). Embora tenha sido parcialmente substituído por recursos tecnológicos, como fotografias, imagens de satélite e sensoriamento remoto, o desenho tem ressurgido como ferramenta pedagógica fundamental, alinhado à alfabetização cartográfica e à representação do espaço vivido pelas crianças (Almeida; Passini, 1994; Miranda, 2005).

A pesquisa de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) complementa esse entendimento, defendendo o desenho como base para que o aluno evolua até a construção de representações gráficas mais elaboradas, como croquis, plantas e mapas. Os desenhos são entendidos como “[...] esquemas gráficos de organização da relação do ser humano com o mundo” (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2007, p. 302), sendo recursos educativos que permitem explorar e registrar a realidade, auxiliando na produção do conhecimento geográfico. Diferentes modalidades de desenho, como o desenho espontâneo, de trajetos, de edificação, de paisagem ou do território, podem ser aplicadas de acordo com os objetivos pedagógicos.

O desenho espontâneo possibilita que o aluno expresse suas noções de espacialidade tanto em relação ao espaço vivido quanto a espaços mais abstratos. Observa-se, nos desenhos espontâneos analisados, que cada indivíduo apresenta traçados singulares, refletindo suas experiências de vida. Essa prática permite que o professor identifique o desenvolvimento gráfico-espacial dos estudantes, compreendendo seus modos individuais de expressão e concepção espacial. Já o desenho de trajetos se concentra em situações cotidianas, como o caminho da casa até a escola, permitindo que os alunos representem mental ou graficamente percursos e suas referências básicas (Cacete; Paganelli; Pontuschka, 2007, p. 294).

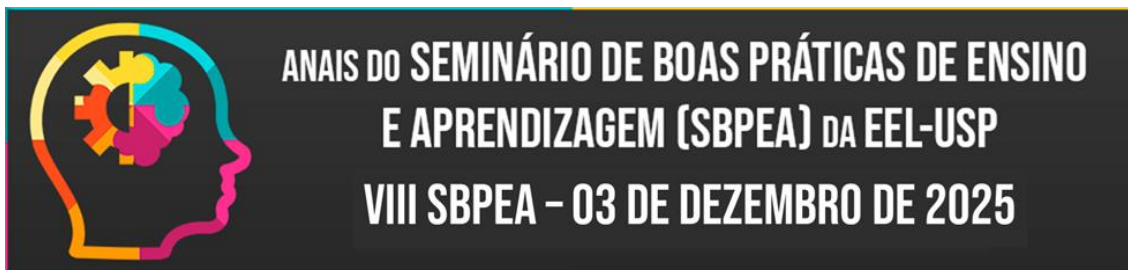


Segundo Oliveira Jr. (2011), a representação do meio ambiente é realizada por meio de imagens organizadas e delineadas, frequentemente com referência ao cotidiano pessoal e escolar. A observação dos desenhos evidencia que o conhecimento geográfico é construído de forma conjunta, oscilando entre o inacabado, com retornos e permanências. Em parceria com Girardi (2011), Oliveira Jr. destaca a importância de diversificar os materiais e linguagens utilizadas em sala de aula, superando a supremacia da linguagem verbal e promovendo a produção do conhecimento por múltiplas vias.

O uso do desenho no ambiente escolar contribui para a valorização da linguagem gráfica, das habilidades a ela associadas e da interação social, permitindo condições de realização pessoal e desenvolvimento cognitivo. A tradição histórica do desenho no ensino de Geografia, embora amplamente documentada na literatura desde a década de 1970, permanece atual, sendo reconhecida por autores como Santos e Granha (2014) e Oliveira (1978) como ferramenta estratégica para o ensino e a aprendizagem da Geografia.

As análises indicam que uma Geografia reflexiva e crítica deve considerar os lugares de vivência das crianças como ponto de partida, respeitando o significado desses lugares para o contexto da turma, sem desconsiderar as relações interestelares. O desenho infantil possibilita expressar a evolução mental, revelar conhecimentos prévios e permitir ao professor compreender a apropriação do espaço geográfico pelas crianças, reconhecendo-as como sujeitos sócio-históricos e culturais, influenciados por aspectos socioeconômicos, de gênero e etnia (Franco, 2002; Arroyo, 1994; Kohan, 2004).

Nesse sentido, discutir o papel do professor torna-se fundamental. A formação docente precisa preparar o educador para interpretar o desenho como linguagem e como instrumento de mediação pedagógica. O professor, ao analisar as produções gráficas dos alunos, deve ser capaz de identificar indícios de pensamento espacial, noções de escala, orientação e representação simbólica, articulando essas observações com os conceitos da Geografia escolar. Tal competência exige não apenas domínio de conteúdo, mas também sensibilidade para compreender o desenho como expressão cultural e cognitiva.



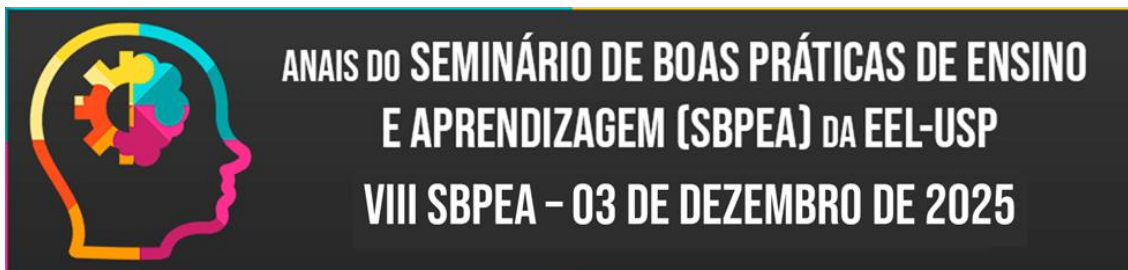
A formação de professores, portanto, deve ir além da transmissão de saberes técnicos; ela precisa fomentar a construção de um olhar investigativo e reflexivo sobre a prática educativa. De acordo com Vygotsky (2009), o educador é mediador do processo de significação, e sua atuação é decisiva para transformar a experiência cotidiana em conhecimento elaborado. Nessa perspectiva, o uso do desenho como ferramenta pedagógica depende diretamente da formação crítica do professor, que deve ser capaz de propor atividades que estimulem o diálogo, a imaginação e a leitura do espaço vivido.

Além disso, a BNCC (Brasil, 2018) orienta que o ensino de Geografia nos anos iniciais valorize o uso de linguagens diversas, como desenhos, croquis e mapas, para desenvolver o pensamento espacial e o raciocínio geográfico. A formação docente, portanto, deve garantir que o futuro professor compreenda essas linguagens como meios de alfabetização espacial, e não como atividades complementares ou meramente ilustrativas.

Em síntese, o estudo confirma a relevância do desenho como linguagem no ensino de Geografia, destacando sua função no desenvolvimento cognitivo, na construção de representações gráficas e na promoção de uma aprendizagem significativa, contextualizada e sensível às experiências individuais de cada aluno. Assim, o professor — devidamente formado para compreender e utilizar o desenho de maneira intencional e crítica — torna-se agente central na consolidação de uma prática pedagógica que une teoria, sensibilidade e criatividade, fortalecendo a compreensão do espaço geográfico e a alfabetização cartográfica desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia que o desenho, enquanto linguagem, desempenha papel essencial no ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente quando articulado à formação de professores. Ao ser compreendido como forma de expressão simbólica, o desenho transcende a dimensão lúdica e se constitui como veículo de

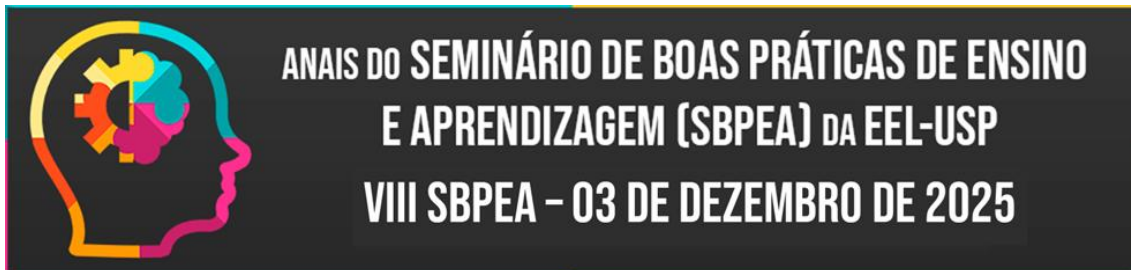


comunicação, mediação cognitiva e construção de conhecimento. Ele possibilita à criança representar percepções do espaço, relações sociais e conceitos geográficos de modo visual e significativo, articulando pensamento concreto e abstrato.

Ao considerar o desenho como linguagem, observa-se que ele: promove a alfabetização espacial, permitindo que os alunos representem paisagens, mapas, vizinhanças e limites territoriais, desenvolvendo noções de orientação e localização; facilita a aprendizagem significativa, integrando experiências concretas e conceitos geográficos abstratos, tornando o conhecimento acessível e contextualizado; estimula a expressão e a criatividade, valorizando múltiplas interpretações e promovendo respeito à diversidade de olhares sobre o espaço; e constitui uma ferramenta de avaliação formativa, pois a análise das produções gráficas revela o nível de compreensão dos conceitos espaciais e orienta intervenções pedagógicas adequadas.

No entanto, a efetividade do desenho como recurso didático depende diretamente da formação docente. A pesquisa aponta que muitos professores ainda carecem de preparação teórica e metodológica para compreender o desenho como linguagem e como instrumento de ensino. Essa lacuna reforça a importância de repensar a formação inicial e continuada, de modo a incluir estudos sobre alfabetização espacial, didática da Geografia e o uso de linguagens expressivas no processo educativo. Conforme defendem Vygotsky (2009) e Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), a atuação docente requer mediação intencional e sensível, capaz de transformar a experiência do aluno em aprendizagem significativa. Superar os desafios identificados — como a limitação de tempo nos currículos, a falta de formação específica e a resistência a práticas inovadoras — exige o reconhecimento do desenho como componente pedagógico planejado e sistemático. Assim, a formação docente deve capacitar o professor para interpretar o desenho como manifestação do pensamento geográfico, estimulando práticas reflexivas, criativas e inclusivas. Sugere-se que pesquisas futuras explorem:

- Intervenções didáticas que utilizem o desenho como linguagem no ensino de conceitos geográficos;



- Integração de tecnologias digitais (softwares de desenho, mapeamento e georreferenciamento) para potencializar o aprendizado;
- Programas de formação continuada voltados ao desenvolvimento de competências para o uso do desenho como linguagem interdisciplinar, inclusiva e investigativa.

Em síntese, compreender o desenho como linguagem educativa amplia as possibilidades formativas do ensino de Geografia, articulando cognição, emoção e imaginação. Ao preparar professores para utilizar o desenho como mediador do conhecimento, promove-se uma educação espacial crítica, participativa e humanizadora, fortalecendo o papel da escola como espaço de construção do pensamento geográfico desde os primeiros anos escolares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 5 edições, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

ALMEIDA, R. D. de. e PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 4ª ed. São Paulo, Contexto, 1994.

ALMEIDA, R. D. de. **Pesquisas em Cartografia Escolar**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, N° 90, p. 97-108, 2010.

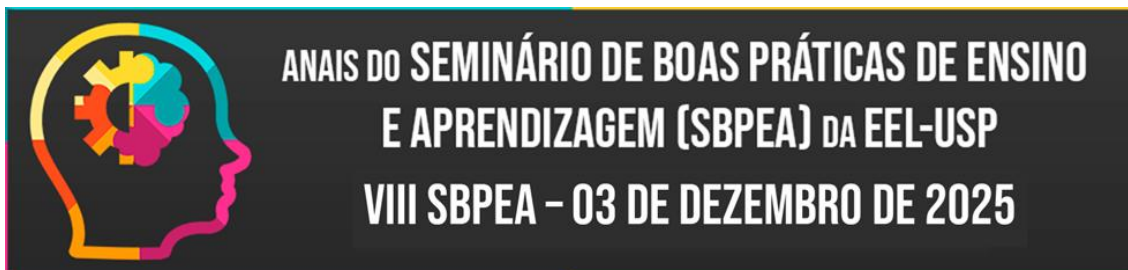
ARROYO, M. G. **O significado da infância**. Revista Criança, Brasília, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2018.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Tradução de Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FRANCO, M. E. W. **Compreendendo a infância**. In: FRANCO, M. E. W. Compreendendo a infância como uma condição da criança. Porto Alegre: Mediação, 2002.

GIRARDI, G.; OLIVEIRA JR., W. M. **Diferentes linguagens no ensino de Geografia**. In: XI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Goiânia, 2011. Anais do XI ENPEG, v.1, p.1-9, 2011.



GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KIMURA, S. **Geografia no Ensino Básico**. São Paulo: Contexto, 2014.

KOHAN, W. (Org.). **Lugares da infância: Filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Editora do Minho, 1969.

MACÊDO, B. B. A. **Desenhando lugares na Geografia dos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

MACÊDO, B. B. A.; FERNANDEZ, P. S. M. . **A relação histórica do desenho com o ensino de Geografia: um estudo exploratório**. In: V Colóquio História e Memória da Educação no Rio Grande do Norte - 2021 - ISSN 2526-8147, 2021, Natal. Anais do V Colóquio História e Memória da Educação no Rio Grande do Norte - 2021, 2021.

MÉREDIEU, F. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MIRANDA, S. L. **O lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de geografia: contribuição para uma geografia escolar crítica**. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, 2005. 158 p. (Tese de doutorado).

OLIVEIRA JR., W. M. de. **A cidade (tele)percebida – em busca da atual imagem do urbano**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1994.

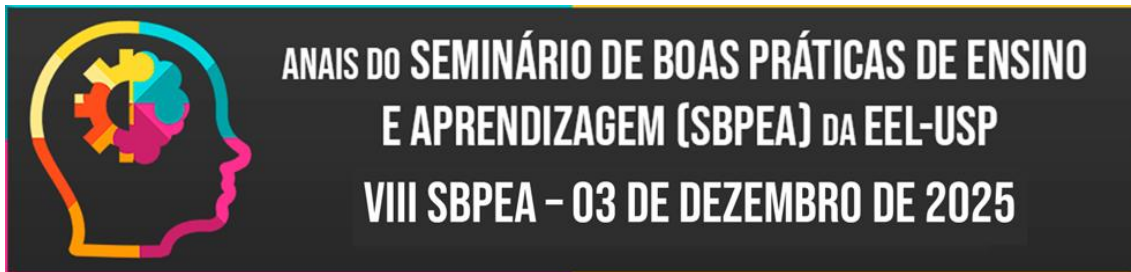
OLIVEIRA JR., W. M. de. **Desenhos e escutas**. In: NUNES, F. G. (Org.). **Ensino de Geografia: novos olhares e práticas**. Dourados, MS: UFGD, 2011.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A Psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.
PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

THEVES, D. W. **Criança guarda as coisas na memória e representa suas vivências em mapas: entre árvores, riachos, animais, tesouros e o meteoro**. *Geographia Meridionalis*, v.3, p.159-179, 2017.

THEVES, D. W. **Desenho, espaço e aprendizagem geográfica**. Curitiba: Appris, 2017.



THEVES, D. W. **Pelos labirintos da docência com os fios de Ariadne:** geografia e existência que (trans)formam a mim e meus alunos. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. 237 p. (Tese de doutorado).

THEVES, D. W. **Práticas de desenho no ensino de Geografia.** Curitiba: Appris, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.